

COLETIVO SYCORAX: DESDOBRAMENTOS DE PRÁTICAS FEMINISTAS DE TRADUÇÃO

SYCORAX COLLECTIVE: THE UNFOLDINGS OF FEMINIST TRANSLATION PRACTICES

COLECTIVO SYCORAX: DESARROLLOS DE PRÁCTICAS FEMINISTAS DE TRADUCCIÓN



Ana França ALVARENGA
Comunicóloga
Universidade Federal de Minas Gerais
Departamento de Comunicação Social
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
lattes.cnpq.br/3178768891222024
orcid.org/0000-0002-2121-5452
anafranca19@gmail.com

Laura Pinhata BATTISTAM
Mestranda
Universidade Estadual de Maringá
Programa de Pós-Graduação em Letras
Maringá, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/6201120247266812
orcid.org/0000-0003-3356-8041
laurabattistam74@gmail.com

Juliana BITTENCOURT
Mestranda
Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação
Interunidades em Museologia
São Paulo, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/8047690757390041
orcid.org/0000-0001-5921-9574
bittencourt.ju@gmail.com

Luciana Carvalho FONSECA
Professora
Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
São Paulo, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/7061790632016950
orcid.org/0000-0002-7938-9607
lucianacarvalho@usp.br

Cecília FARIAS DE SOUZA
Doutoranda
Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Departamento de Linguística
São Paulo, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/4664210427068945
orcid.org/0000-0002-2340-2390
alt.ceci@gmail.com

Leila Giovana IZIDORO
Doutoranda
Universidade de São Paulo
Faculdade de Direito
Departamento de Direito do Trabalho e
da Seguridade Social
São Paulo, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/0004579621511616
orcid.org/0000-0002-5119-076X
leila.izidoro@gmail.com

Maria Teresa MHEREB
Doutoranda
Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Programa de Letras Estrangeira e
Tradução (LETRA)
São Paulo, São Paulo, Brasil.
lattes.cnpq.br/9269481463571421
orcid.org/0000-0001-7458-8829
teresamhereb@gmail.com

Shisleni de OLIVEIRA-MACEDO
Mestranda
Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social
São Paulo, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/7349506014373017
orcid.org/0000-0003-1488-5201
shisleni@gmail.com

Cecília ROSAS
Professora Substituta
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Departamento de Línguas Modernas
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
lattes.cnpq.br/6305952606949228
orcid.org/0000-0003-0640-6039
ceciliarosas@gmail.com

Elisa ROSAS
Doutoranda
Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Departamento de Antropologia
Brasília, Distrito Federal, Brasil
lattes.cnpq.br/6669389418112413
orcid.org/0000-0002-3205-667X
elisarosasm@gmail.com



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Resumo: O Coletivo Sycorax se formou em 2016 e tem a finalidade de promover a tradução coletiva de livros feministas e anticapitalistas, compartilhando as publicações por meio de licenças abertas e distribuição de exemplares físicos. Para o Coletivo, a tradução abarca tanto a ação de aproximar as obras do português, no sentido de “avizinhar” ou de “fazer parecer mais próximo” quanto a de realizar oficinas e outras atividades com os textos traduzidos. Este relato, dividido em quatro partes, apresenta alguns dos projetos do Coletivo, com ênfase nas parcerias e redes que configuram o exercício de tradução coletiva. Na primeira parte, apresentamos a tradução para o português brasileiro dos livros *Caliban and the Witch* (2004) e *Revolution at Point Zero* (2012), ambos de Silvia Federici. A segunda parte relata a tradução da obra *Re-enchanting the World* (2018), também de Silvia Federici, a qual ganhou corpo em 2020 por meio do trabalho de outras vinte tradutoras durante a pandemia de Covid-19. A tradução de *Patriarchy and Accumulation on a World Scale* (1986), de Maria Mies, em 2021, representou um passo à frente na negociação de direitos autorais para garantir o acesso aberto às obras, como expomos na terceira parte deste relato. Atualmente, o Coletivo se dedica à organização de uma antologia de contribuições de mulheres e feminismos latino-americanos, apresentada na quarta parte, em parceria com a Revista Amazonas e a Ema Livros. Constituímos assim, por meio da tradução, desdobramentos de práticas feministas: da proposta de tradução coletiva para a concepção de tradução comunizante.

Palavras-chave: Tradução feminista. Tradução coletiva. Tradução comunizante. Comuns. Militância.

Abstract: *The Brazilian translation collective, Coletivo Sycorax, was founded in 2016, aimed at collectively translating feminist and anti-capitalist books, while promoting the circulation of translated works under open licenses and the distribution of physical copies for free. For the Coletivo, translation encompasses both the action of introducing selected works into Brazilian Portuguese, in a way that “approximates” or “makes them seem closer” to our current context, in addition to promoting workshops and other activities based on our translations. This text has four sections and reports on projects, which have emphasized cooperation and network-building that are at the core of collective translation. The first section addresses the translation into Brazilian Portuguese of Caliban and the Witch (2004) and Revolution at Point Zero (2012), both by Silvia Federici. The second reports on the experience of translating Re-enchanting the World (2018), also by Silvia Federici, with twenty other feminist translators in 2020, during the Covid-19 pandemic. The third section addresses the translation of Patriarchy and Accumulation on a World Scale (1986), by Maria Mies, in 2021; a project which represented an additional step toward directly negotiating royalties and translation rights to ensure open access to the translation. Finally, section four reports on the most recent project: an anthology of Latin American women and feminisms, in cooperation with Revista Amazonas and Ema Livros. Therefore, we aim to show how a number of feminist practices have unfolded from translation practice, which in turn has shifted from a collective translation practice to a commoning one.*

Keywords: Feminist translation. Collective translation. Commoning translation. Commons. Activism.

Resumen: *El Colectivo Sycorax se formó en 2016 con el objetivo de promover la traducción colectiva de libros feministas y anticapitalistas compartiendo las publicaciones a través de licencias abiertas y distribución de copias físicas. Para el Colectivo, la traducción engloba las acciones de acercar las obras al portugués, en el sentido de “avecindar” o “hacer con que parezca más cercano”, y de realizar talleres y otras actividades con los textos traducidos. Este relato presenta algunos de los proyectos del Colectivo con énfasis en las alianzas y redes que componen la práctica de traducción colectiva. En la primera parte, presentamos la traducción al portugués brasileño de los libros Caliban and the Witch (2004) y Revolution at Point Zero (2012), ambos de Silvia Federici. La segunda parte relata la traducción de la obra Re-enchanting the World (2018), también de Silvia Federici, que se realizó en 2020 gracias al trabajo de otras veinte traductoras durante la pandemia de la Covid-19. La traducción de Patriarchy and Accumulation on a World Scale (1986), de Maria Mies, en 2021, representó un paso adelante en la negociación de los derechos de autor para garantizar el acceso abierto a las obras, tema de la tercera parte del relato. Actualmente, el Colectivo se dedica a la organización de una antología de aportes de mujeres y feminismos latinoamericanos, que se presenta en la cuarta parte, en alianza con la Revista Amazonas y Ema Livros. Constituímos así, por medio de la traducción, desarrollos de prácticas feministas: desde la propuesta de traducción colectiva hasta la concepción de la traducción comunizadora.*

Palabras clave: Traducción feminista. Traducción colectiva. Traducción comunizadora. Comunes. Militancia.

No encontro com movimentos feministas e de mulheres de outros países da América Latina e da Europa, entramos em contato com ideias que inspiraram a nossa organização. Foi assim que *Caliban and the Witch* (2004), de Silvia Federici, chegou

a nossas mãos, e foi do processo de tradução desta obra ao português brasileiro que surgiu o Coletivo Sycorax, em 2016. O objetivo deste relato é tratar das práticas feministas de tradução do Coletivo Sycorax desde então, entendendo a prática de tradução coletiva não apenas como processo de produção de um texto traduzido, mas também de formação intelectual e política; como um exercício de diálogo — com o texto e com os outros sujeitos envolvidos — e uma experiência de gestão coletiva. Para nós, o método coletivo de tradução é especialmente construtivo no contexto da tradução de obras feministas entre mulheres, pois permite alinhar conhecimento teórico e prático sobre feminismo. Além disso, concebemos a tradução como um processo que vai desde a escolha do título a ser traduzido até a movimentação coletiva com o texto e os paratextos, priorizando formas de circulação que questionem as atuais condições de acesso ao conhecimento.

Este relato está dividido em quatro partes. Na primeira delas, apresentamos o processo de tradução dos livros *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation* (2004) e *Revolution at Point Zero: Housework, Reproduction, and Feminist Struggle* (2012), ambos de Silvia Federici, e como esses processos assentaram as bases de trabalho do Coletivo Sycorax. No segundo tópico, relatamos o desenrolar do projeto de tradução do livro *Re-enchanting the World: Feminism and the Politics of the Commons* (2018), da mesma autora. Identificamos as ações realizadas em torno desta obra e as mudanças nas práticas que o Coletivo vinha desenvolvendo até então. Nesse mesmo sentido, a terceira parte está focada na apresentação da tradução de *Patriarchy and Accumulation on a World Scale. Women in the International Division of Labour* (1986), de Maria Mies. Tal tradução foi possível a partir do projeto *Tradução coletiva entre mulheres: práticas políticas e pedagógicas*, com financiamento da Universidade de São Paulo. Por fim, na quarta e última parte será apresentada a antologia de mulheres latino-americanas, que está sendo organizada no momento tanto a partir de textos já escritos quanto de entrevistas e outras manifestações orais.

3

***Calibã e a bruxa* (2017) e *O ponto zero da revolução* (2019): as Primeiras Experiências de Tradução Coletiva entre Mulheres**

A escolha de traduzir *Caliban and the Witch* (2004) para o português brasileiro partiu do potencial teórico da obra em realizar uma análise feminista e marxista da origem da opressão e da exploração das mulheres no capitalismo; de sua recepção e acolhimento na América Latina, com a participação ativa de Silvia Federici em debates na região; do fato de a licença

de publicação original permitir a circulação aberta da obra; e da possibilidade de estimular uma reflexão sobre as violências do passado e do presente por meio da tradução coletiva, ressignificando a obra a partir das narrativas de diversos grupos de mulheres e das experiências em seus contextos (Rosas et al., 2020).

A autora propõe repensar a história das mulheres no Ocidente, argumentando que a caça às bruxas constituiu um aspecto central da acumulação primitiva de capital e da formação do proletariado moderno, tanto na Europa como no Novo Mundo. Assim, parte da crítica de Karl Marx (1867/2017) a Adam Smith para ressaltar a especificidade da violência que recaiu sobre os corpos e destinos das mulheres. Por meio da leitura de *Caliban and the Witch* (2004), entendemos como os processos de acumulação de capital são reiterados em cada fase do desenvolvimento capitalista, que cada crise sedimenta e relança estratégias com a finalidade de baratear o custo do trabalho e esconder a exploração dos trabalhadores e trabalhadoras. Ao nos despojarmos das concepções metafísicas que pairam em torno do fenômeno da caça às bruxas, começamos a reconhecer nele processos que estão muito próximos de nós. Entendemos que os atuais mecanismos de ampliação da expropriação de terras e de recursos naturais, bem como do aumento da opressão contra as mulheres, relacionam-se com a necessidade constante de o capitalismo superar seus momentos de crise, por meio de processos recorrentes de acumulação de capital.

4

Foi do contato com a luta das mulheres nigerianas contra os programas de ajuste estrutural, impostos pelos organismos financeiros internacionais, que Federici observou como os processos de expropriação de terras na Nigéria remetiam ao que havia estudado antes em *Il grande Calibano* (1984), escrito em conjunto com Leopoldina Fortunati. Dessa reflexão nasce *Caliban and the Witch* (2004), obra que nos chama a atenção quando relacionamos os processos descritos pela autora com os altos índices de feminicídio na América Latina, sobretudo em regiões de conflitos de terras e de recursos naturais. Essa conexão da obra com a realidade das mulheres hoje, realizada nos diversos contextos de recepção do livro na América Latina, explica sua reverberação na região. Foi a partir da repercussão do livro para os movimentos feministas dos países vizinhos que consideramos igualmente importante difundir a obra no Brasil.

A partir daí, primeiro nos comunicamos com Silvia Federici, que autorizou e apoiou a tradução do livro. Em seguida, entramos em contato com a Editora Autonomedia, um projeto de mídia radical fundado em 1974, responsável pela publicação original de *Caliban and the*

Witch (2004) com uma licença *anticopyright*. Essa licença, que garante o acesso aberto sem finalidade comercial, acrescida do aceite da autora e da confirmação da editora, criou para nós a possibilidade de materializar a primeira tradução de uma obra de Federici ao português, e este projeto acabou estruturando também o coletivo.

Reflexões sobre a metodologia de trabalho, as escolhas tradutórias, a inclusão de paratextos no trabalho e a pesquisa iconográfica que deram origem à edição brasileira da obra já foram bastante discutidas em artigo anterior (Rosas et al., 2020). Além disso, na Nota das Tradutoras, que abre o livro (Federici, 2017, p. 7) e que constitui um importante recurso para ampliar a incidência e a visibilidade da tradução, pudemos reconstituir a história do projeto, das intervenções em torno do texto e das parcerias estabelecidas em diferentes etapas, sem as quais o livro não teria sido publicado. Nela, também justificamos a tradução da obra e sua potencial contribuição para nossas lutas locais. Neste relato, gostaríamos de retomar, contudo, aspectos relevantes da metodologia empregada por nós naquele momento, já que se tratou de nosso primeiro projeto de tradução coletiva e, embora essa metodologia tenha sido adaptada e modificada nos projetos posteriores, representa um ponto de partida fundamental.

No projeto de tradução de *Caliban and the Witch* (2004), que foi concebido para uma publicação independente, sem parceria com nenhuma editora no primeiro momento, cada uma das tradutoras ficou responsável por traduzir um trecho da obra e elencar, em um documento coletivo, as dificuldades encontradas e os termos que poderiam gerar debate e/ou que precisariam ser padronizados. Após a etapa de tradução, iniciamos uma sequência de revisões. Na primeira, cada tradutora revisou um trecho que não havia traduzido, ao passo que, na segunda, agora coletiva, as tradutoras se encontravam para realizar as escolhas tradutórias, consolidar a relação de termos e discutir a necessidade de inclusão de paratextos. Por fim, uma única tradutora realizou a revisão final, tendo como base as decisões coletivas (Rosas et al., 2020, pp. 126–127).

A tradução resultante desse processo foi disponibilizada no site do Coletivo¹ após o lançamento promovido pelas próprias tradutoras, em setembro de 2016, em um evento que reuniu Silvia Federici e mulheres de diferentes movimentos sociais em uma escola ocupada em São Paulo.² Essa primeira atividade evidenciou para o Coletivo a potência da promoção de debates como um desdobramento da tradução. Essa primeira versão da tradução — que ainda circula na internet — recebeu mais tarde apoio da Fundação Rosa Luxemburgo para sua publicação, e, em julho de 2017, foi possível viabilizar a versão impressa do livro em parceria

ALVARENGA, Ana França; BATTISTAM, Laura Pinhata; BITTENCOURT, Juliana; FONSECA, Luciana Carvalho; FARIAS DE SOUZA, Cecília; IZIDORO, Leila Giovana; MHEREB, Maria Teresa; OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni de; ROSAS, Cecília; ROSAS, Elisa.. Coletivo Sycorax: desdobramentos de práticas feministas de tradução. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 01-17, 2022. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v11.n2.2022.41253

com a editora Elefante.³ A editora fez uma última revisão da tradução, realizou o projeto gráfico incluindo a capa e a quarta capa, elaboradas a partir de uma proposta do Coletivo,⁴ e ficou responsável pela revisão da prova final, prova de impressão, acompanhamento da impressão e distribuição do livro. Realizamos eventos de lançamento em São Paulo e no Rio de Janeiro⁵ e uma série de oficinas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) em Itaquaquecetuba.

A experiência de tradução de *Calibã e a bruxa* (2004/2017) também incluiu a participação de outras pessoas que, apesar de não integrarem o Coletivo, colaboraram em todas as fases do projeto, de diferentes formas, antes mesmo da parceria com a editora Elefante. Em seguida, nos propusemos a traduzir outra obra da mesma autora, já com outras tradutoras, que se somaram ao Coletivo para a tradução de *Revolution at Point Zero* (2012). Entendemos que esta obra poderia ampliar o conhecimento sobre as contribuições da autora para o debate teórico, a partir dos exemplos práticos mobilizados nos artigos que compõem o livro, escritos como forma de inserção política em diferentes debates desde a década de 1970. Esse projeto contou novamente com uma parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo, para realização de lançamentos e oficinas, e com a editora Elefante, que adquiriu os direitos autorais da editora PM Press. A pedido da autora, incluímos no livro o artigo “Rumo a Pequim: como a ONU colonizou o movimento feminista”, de 2000. Assim como no caso de *Caliban and the Witch* (2004), nosso interesse em traduzir *Revolution at Point Zero* (2012) foi motivado pelas possibilidades de conexão com as lutas políticas locais. A emergência do movimento de mulheres pela remuneração do trabalho doméstico, *Wages for Housework*, nos EUA e em outras partes do mundo, acontece em paralelo com a organização do movimento pelo custo de vida no Brasil, o movimento de luta por creches, surgidos dentro dos clubes de mães (Teles, 1993) — retomando a perspectiva internacionalista do movimento feminista.

O Coletivo pôs-se, então, a trabalhar na tradução desse segundo livro de um modo que já apontava as bases da metodologia de tradução coletiva que seria desenvolvida posteriormente. O coletivo se reconfigurou em função da participação de outras tradutoras e incluiu, ao longo do processo, discussões teóricas, elaboração de um glossário e uma reflexão mais detida sobre o significado da tradução, da tradução coletiva e da tradução feminista. Assim, com base na experiência da primeira tradução, foram revisados alguns procedimentos e propostos outros, avaliando o que poderia ser replicado e o que precisaria mudar. Como se trata de uma coletânea, cada tradutora ficou responsável pela tradução de um artigo, e uma

primeira revisão da tradução foi realizada de forma rotativa (como no processo de tradução de *Caliban and the Witch*), com cada tradutora revisando um artigo que havia sido traduzido por outra. A revisão do livro como um todo foi realizada por três pessoas do Coletivo, cada uma delas responsável por uma revisão completa. Assim como a tradução de *Calibã e a Bruxa* (2004/2017), a tradução de *Revolution at Point Zero* (2012) veio acompanhada por paratextos produzidos por nós, que incluem a Nota das Tradutoras (que abre o livro) e notas de rodapé.

Após o envio da tradução para a editora, foram realizadas as etapas de preparação, revisão, elaboração do projeto gráfico e revisão da prova final, bem como o acompanhamento da impressão e distribuição, com participação restrita do Coletivo. Como mencionado, realizamos uma nova parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo para promover os debates de lançamento e realizar oficinas, nas quais procurávamos articular tópicos dos dois livros traduzidos com as realidades de luta dos movimentos de mulheres no Brasil. Tratava-se, portanto, de um momento de ampliação e consolidação do escopo de atividades do próprio Coletivo. Em setembro de 2019, realizamos o lançamento da edição brasileira de *O ponto zero da revolução* (2012/2019), em eventos na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), *campus* Itaquera, e na Ocupação 9 de Julho, no centro da cidade de São Paulo. Nos meses anteriores, havíamos realizado a série de oficinas “Repensar o trabalho reprodutivo hoje”, a fim de divulgar a obra. Tais oficinas ocorreram na Livraria Expressão Popular, nos *campi* do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) em Itaquaquecetuba, Guarulhos e Pirituba e no mesmo *campus* da Unifesp.

7

***Re-enchanting the World* (2018): Tradução Comunizante durante a Pandemia**

A tradução de *Re-enchanting the World: Feminism and the Politics of the Commons* (2018) se desenvolveu em um formato diferente das duas traduções anteriores. Essa proposta de tradução teve início no fim do ano de 2019 e teve a participação de vinte mulheres ligadas ao Coletivo Sycorax. A obra traduzida, cujo título em português foi definido como *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*, será publicada também pela Editora Elefante (encontrando-se no prelo no presente momento).

O projeto, que foi articulado a princípio para se desenvolver em formato híbrido (presencial e on-line), teve de ser adaptado para o formato totalmente remoto devido ao contexto da pandemia de Covid-19. Nosso trabalho de tradução começou com a divisão dos capítulos do livro entre duplas ou pequenos grupos de trabalho. Após uma primeira leitura do

livro, iniciamos a elaboração de um glossário coletivo, em que (assim como havíamos feito antes) cada integrante inseriu os termos e conceitos que julgava importante discutir e uniformizar na tradução. Em uma sequência de reuniões, discutimos os conceitos um a um, recuperando contextos de uso e a forma mais utilizada de sua tradução no Brasil. Houve, porém, uma mudança importante em nossa metodologia: enquanto, no caso dos livros anteriores, o glossário foi sendo formado no processo de tradução e discutido apenas numa fase mais avançada do trabalho com o texto, no caso deste livro o glossário começou a ser constituído e debatido paralelamente à atividade de tradução — o que, em nossa avaliação, mostrou-se mais produtivo.

8

Ao mesmo tempo em que aconteciam as discussões dos termos e a construção coletiva do glossário, cada dupla ou trio organizou seu trabalho como preferiu: alguns grupos optaram por dividir o capítulo em duas partes e responsabilizar uma pessoa pela primeira versão da tradução e outra(s) para a revisão, enquanto outros grupos optaram por dividir igualmente as tarefas de tradução e revisão do capítulo. Terminada a etapa de produção da primeira versão da tradução, alguns textos ainda passaram pela revisão de pessoas de outro grupo. Depois disso, cada grupo ficou responsável por apresentar o conteúdo do seu capítulo em uma discussão coletiva com as vinte participantes do projeto. Essa fase foi bastante importante para a troca de conhecimentos e para a conclusão da tradução, pois foi possível debater a obra com maior profundidade, levantando novas questões em relação à tradução de termos e conceitos fundamentais. Na conclusão do processo, com a finalidade de produzir uma tradução uniformizada dos conceitos, uma das integrantes do Coletivo ficou responsável pela leitura final de todos os capítulos, enviando-os em seguida às suas respectivas tradutoras com seus apontamentos.

A partir da tradução coletiva de *Re-enchanting the World* (2018), outros dois projetos foram desdobrados. Em novembro de 2020, apresentamos uma comunicação no VocUM Colloque (Colloque Multidisciplinaire sur le Langage), sediado na Universidade de Montréal, em que expusemos o processo de tradução coletiva do livro, além de alguns elementos teóricos que balizaram nossa prática.⁶ Mobilizamos os conceitos de decolonialidade (Quijano, 2000; Maldonado-Torres, 2006/2008; Segato, 2013; Walsh, 2013), genealogia feminista (Godayol, 2011; Santos, 2014) e conhecimento situado (Haraway, 1988), os quais conjugamos à ideia de *tradução comunizante*, que começamos a elaborar durante o processo tradutório do livro de Federici, em sintonia com o *commoning* da autora. Fazíamos isso quase ao mesmo tempo que

ALVARENGA, Ana França; BATTISTAM, Laura Pinhata; BITTENCOURT, Juliana; FONSECA, Luciana Carvalho; FARIAS DE SOUZA, Cecília; IZIDORO, Leila Giovana; MHEREB, Maria Teresa; OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni de; ROSAS, Cecília; ROSAS, Elisa.. Coletivo Sycorax: desdobramentos de práticas feministas de tradução. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 01-17, 2022. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfieis.v11.n2.2022.41253

Jennifer Hayashida, escritora e artista canadense, adicionava, desde o Norte Global, o termo “*commoning translation*” ao *Glossary Of Common Knowledge* (Hiršenfelder, 2018).⁷ Nós, aqui do Sul, não tínhamos, porém, nenhum conhecimento acerca do grupo que organizou coletivamente o glossário, do glossário em si ou do termo incluído por Hayashida:

Tradução comunizante torna a tradução um ato de solidariedade, não de fidelidade ou lealdade.

Tradução comunizante rejeita a noção rarefeita de tradução baseada na fluência em favor de esforços coletivos, baseados na solidariedade.

Tradução comunizante tem como tarefa a mobilização contra o poder e o privilégio branco.⁸ (Hayashida, 2020, tradução nossa)

Uma vez em contato com essa definição, conferimos nossos próprios contornos a ela, reelaborando, ao mesmo tempo, nossa experiência de tradução.

Ao discutir práticas comunizantes, Silvia Federici encara os comuns como uma alternativa ao sistema capitalista, constituída a partir de diferentes histórias de luta contra as opressões. Para ela, os comuns são um processo contínuo de disputa, de compartilhamento da riqueza e de modos de vida, de defesa do cuidado, de ressignificação radical das relações de propriedade e de reconstrução de laços sociais e com a natureza que são diariamente destruídos pelo sistema capitalista. Tendo partido de uma concepção de tradução “coletiva” no início de nosso trabalho, tentamos nos mover, agora, em direção a uma concepção de tradução “comunizante”, em busca de novas formas de politizar as práticas e o conhecimento construídos no/pelo processo tradutório. Juntas, buscamos maneiras de fazer de nosso processo de tradução coletiva um ato de produção e reprodução coletiva e solidária de conhecimentos comprometido com a luta anticapitalista, um espaço de formação intelectual e política, de gestão coletiva e horizontal.

A fim de dar continuidade às discussões realizadas ao longo da tradução de *Re-enchanting the World* (2018), decidimos produzir o *podcast* Solo Comum. Para isso, elegemos temas centrais da obra de Federici e convidamos algumas mulheres para debatê-los. O *podcast* foi organizado em dois eixos de gravação: um deles voltado para o debate de conceitos e o outro para as práticas de mulheres em organizações militantes e movimentos sociais. Somamos habilidades de diferentes participantes do processo da tradução, que envolveram elaboração da trilha sonora, edição de som e conhecimentos das plataformas de *podcasts*, e estabelecemos outras parcerias para realização das entrevistas e produção de arte para divulgação.⁹

ALVARENGA, Ana França; BATTISTAM, Laura Pinhata; BITTENCOURT, Juliana; FONSECA, Luciana Carvalho; FARIAS DE SOUZA, Cecília; IZIDORO, Leila Giovana; MHEREB, Maria Teresa; OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni de; ROSAS, Cecília; ROSAS, Elisa.. Coletivo Sycorax: desdobramentos de práticas feministas de tradução. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 01-17, 2022. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v11.n2.2022.41253

Nos quatro episódios do primeiro eixo, fizemos encontros on-line, com preparação prévia da pauta a ser debatida com as convidadas. Helena Silvestre¹⁰ discutiu as possibilidades de “reencantar o mundo”; Maria Lygia Quartim de Moraes¹¹ aprofundou a noção de trabalho reprodutivo; Verónica Gago¹² tratou da financeirização da reprodução; e Virgínia Fontes¹³ abordou o processo de acumulação primitiva e de (novos) cercamentos.

Nos episódios do segundo eixo, apresentados de forma intercalada aos do primeiro, o fio condutor foi a ideia de luta pelos comuns, que perpassa toda a obra de Silvia Federici traduzida. Conversamos com mulheres vinculadas a organizações e coletivos que vivenciam a luta pelos comuns em diferentes dimensões: Larissa Santos e Maju Silva falaram sobre a atuação da organização maranhense Justiça nos Trilhos, que trabalha pelo fortalecimento de comunidades do Corredor Carajás; Giuliana Molotov, Thabata Lorena, Daniela Lima e Luiza Helena apresentaram o cotidiano e a luta da ocupação no Mercado Sul, no Distrito Federal; e Dona Mira falou sobre a autonomia financeira da Teia dos Povos e do Movimento Sem Teto da Bahia em relação às iniciativas do Estado.

10

Um dos maiores desafios encontrados durante a execução dos episódios foi o de conjugar experiências de resistência comunitária com o pensamento teórico de Federici sobre os comuns. Por mais que o *podcast* tivesse nascido do interesse coletivo em explorar conceitos da obra traduzida, era importante construir uma relação não hierárquica entre teoria e experiência, permitindo que os comuns aparecessem como prática política. Para isso, optamos por conduzir as conversas de forma mais livre, adotando uma posição de escuta independente dos marcos conceituais do livro de Federici. As entrevistas tocaram especialmente em temas relativos ao lugar das mulheres nas organizações sociais: as lutas por direitos e pela manutenção da vida e, paralelamente, suas preocupações e ações com a coletividade, em questões como alimentação, cuidado e maternidade. Conversamos sobre suas trajetórias, buscando refletir juntas sobre os diferentes momentos da vida, com mulheres de diferentes idades, regiões e espaços de militância. Trata-se de percursos que partem de um “solo comum” de experiências de mulheres, de um chão (ou de uma terra!) concreto sobre o qual trajetórias diversas de luta anticapitalista são construídas, mesmo que sejam diversas as suas configurações e os modos de vida que ensejam.

***Patriarchy and Accumulation on a World Scale* (1986): Ampliando a Atuação nas Decisões Editoriais e na Negociação de Licenças Abertas**

A tradução da obra *Patriarchy and Accumulation on a World Scale: Women in the International Division of Labour* (1986), escrita em inglês pela socióloga feminista alemã Maria Mies, ocorreu dentro do projeto *Tradução coletiva entre mulheres: práticas políticas e pedagógicas*, que foi contemplado por edital de financiamento da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU-USP) para o período de 2020-2021.¹⁴ A importância deste tipo de financiamento está na abertura institucional para projetos que envolvem a comunidade acadêmica e movimentos sociais. O convite ao Coletivo para integrar a iniciativa¹⁵ se deve ao interesse em difundir suas metodologias e práticas e significou uma ampliação da sua atuação, pois envolveu a constituição de um grupo de tradutoras que participou de todas as decisões editoriais.

A obra de Mies, uma leitura feminista da discussão sobre acumulação primitiva, é um marco na recuperação desse debate por uma vertente do feminismo alemão a partir do legado de Rosa Luxemburgo. Na medida em que a obra influenciou Federici e outras feministas que também se debruçaram sobre o tema, sua tradução ao português brasileiro permite reconstituir o histórico desse debate.

O projeto propôs duas frentes de trabalho integradas. Além da realização da tradução coletiva entre mulheres de *Patriarchy and Accumulation on a World Scale* (1986) — cujo título em português foi definido como *Patriarcado e acumulação de capital em escala mundial: mulheres na divisão internacional do trabalho* — estava prevista a promoção, junto a professoras de inglês (língua-fonte da obra a ser traduzida) da rede pública estadual, oficinas e debates relativos à obra em questão e à metodologia de tradução coletiva entre mulheres. Infelizmente, esta segunda frente não pôde ser realizada, pois o projeto não foi contemplado com a totalidade dos recursos solicitados. Entretanto, a realização de oficinas é uma premissa do Coletivo, que pretende viabilizar a sua realização após a publicação do livro.

Essa tradução coletiva se deu também em meio à pandemia de Covid-19, de modo que, assim como na tradução de *Re-enchanting the World* (2018), os encontros entre as tradutoras (e também entre tradutoras e editoras) foram realizados de forma totalmente on-line. O projeto previa que a obra fosse publicada sob uma política editorial destacadamente feminista, que garantisse a participação do Coletivo nas decisões editoriais. Para tanto, uma parceria foi construída com as editoras Ema Livros¹⁶ e Timo,¹⁷ responsáveis pela distribuição e

diagramação, respectivamente. A Ema Livros arcou com a aquisição dos direitos de publicação, enquanto que, ao Coletivo Sycorax, coube a compra dos direitos para a difusão de uma versão digital. A disponibilização gratuita e por tempo indeterminado de uma versão para *download* dos livros traduzidos é uma prerrogativa para atuação do Coletivo. Desta maneira, além da versão impressa, a obra, originalmente publicada com direitos autorais restritos, ganhará uma versão disponibilizada gratuitamente para *download* sob a licença Creative Commons 4.0 (BY-NC-ND).

A tradução do livro de Maria Mies, portanto, dá continuidade ao projeto, iniciado com as traduções de Silvia Federici, de tradução de obras feministas anticapitalistas entre mulheres para a circulação aberta e gratuita das obras traduzidas. Entendemos que a forma de circulação das obras na sociedade é também parte do processo tradutório (Rosas et al., 2020), enriquecendo a capacidade transformadora da tradução em uma perspectiva colaborativa:

O espaço coletivo criado pela tradução feminista vai aos poucos transformando a lógica capitalista, segundo a qual a tradução corresponde a um mero “serviço prestado” ou “produto a ser comprado”, para estabelecer novas formas de produção e circulação em que edições impressas à venda convivem com versões eletrônicas gratuitas. Em uma perspectiva colaborativa da tradução, mulheres integram e convivem em movimentos políticos (militantes e/ou ativistas) de lutas por justiça social, ao mesmo tempo em que desobstruem o caminho para alianças entre si e para os fluxos de epistemologias feministas e celebram — em uma época de trevas para o país — o processo criativo da tradução colaborativa de modo a forjar uma comunidade de experiências e afetos políticos transformadores. (Fonseca et al. 2020, p. 223)

No momento de escrita deste relato, o projeto concluiu a fase de tradução coletiva e de preparação do texto, tendo entrado em fase de diagramação, com lançamento previsto para 2021.

Antologia de Mulheres Latino-Americanas: Ampliando a Noção de Tradução para Novos Contextos

Outro projeto que surgiu como desdobramento da prática tradutória do Coletivo é o da publicação de uma antologia de textos de autoras latino-americanas anticapitalistas. A antologia, fruto da parceria entre o Coletivo Sycorax e a Revista Amazonas, é uma iniciativa autônoma e coletiva que tem como objetivo ampliar a circulação no Brasil de reflexões realizadas por mulheres latino-americanas. O projeto consiste na tradução tanto de textos previamente publicados quanto de relatos orais ou entrevistas realizadas especificamente para

compor a antologia, expandindo o que poderiam ser as contribuições das mulheres e dos feminismos latino-americanos para a prática e o pensamento feminista anticapitalista, antirracista e decolonial.

A partir da necessidade de conhecer experiências e posicionamentos que provoquem reflexões sobre as lutas das mulheres latino-americanas, nos perguntamos como poderíamos nos aproximar dos diferentes contextos políticos, sociais, culturais e históricos latino-americanos considerando a sua especificidade e, ao mesmo tempo, apontando para entramados e convergências, para além das fronteiras. A categoria “mulheres” é utilizada em uma acepção ampla e não restrita ou determinada biologicamente, e a pluralidade do termo feminismos já sugere a diversidade das expressões contra-hegemônicas que pautam o debate sobre gênero e sexualidade. Assim, a antologia procura ampliar a circulação de conhecimentos tecendo vínculos e relações de solidariedade que nos permitam compor a ação política e a crítica ao capitalismo hoje, reconhecendo o impacto do neoliberalismo na região.

A antologia envolve, dessa forma, para além da tradução, a contínua pesquisa e o mapeamento coletivo. Uma vez que um texto é definido ou uma entrevista é realizada, grupos menores ficam responsáveis pela tradução e revisão. Cada tradução é acompanhada por uma apresentação das tradutoras que procura contextualizar e também refletir sobre a tradução, situando o texto no projeto como um todo, e também por ilustrações, que visam a expandir as possibilidades de apreensão do texto. Dado que se trata de um projeto em aberto, que se constrói em seu processo de realização, a organização dos textos para compor uma edição em livro será feita apenas posteriormente e cada texto será publicado separada e periodicamente, em formato digital.

A proposta de organizar uma antologia de textos de mulheres latino-americanas surge do reconhecimento de que existem variadas formas de violência e expropriação que caracterizam o capitalismo na região, assim como articulações de múltiplas formas de resistência que potencialmente se entrelaçam. Dar visibilidade às denúncias, relatos e proposições de mulheres dos mais diversos territórios torna-se cada vez mais importante para tecer redes inter-regionais de solidariedade e de organização entre mulheres das cidades, dos campos, das florestas e das águas.

O projeto, iniciado em 2020, também foi reformulado em função da crise sanitária de Covid-19, e os encontros foram retomados de forma virtual, viabilizando a inclusão de mais integrantes. Em meio a esse contexto, acreditamos que o projeto cumpre um papel político

formativo importante, já que o processo de elaboração e publicação tem como finalidade maior conectar as lutas locais com resistências tecidas em diferentes territórios. O que nos aproxima das mulheres que queremos traduzir é que compartilhamos uma história comum: somos fruto das relações coloniais, racistas, heterossexistas e patriarcais que fundam o capitalismo e seu desenvolvimento desigual e combinado. Partimos da necessidade de conhecer nossa própria vastidão e de reconhecer a pluralidade de organizações e de discursos que orientam as práticas políticas anticapitalistas em nossa região.

Como mencionado, a proposta não segue, de entrada, a concepção clássica de antologia, relacionada à compilação de textos pré-existentes, embora a inclusão de textos criados para os fins da antologia, como, por exemplo, a realização de entrevistas orais, encontre eco em antologias feministas reconhecidas (ver Moraga & Castillo, 1988). Ao entrevistar mulheres que possuem uma trajetória militante e baseada na práxis, ou familiares de mulheres assassinadas no contexto de defesa de seus territórios e meios de vida, procuramos partir também da oralidade característica dos movimentos sociais, valorizando formas de conhecimento e práticas políticas que não estão sedimentadas em gêneros textuais escritos. Por isso, a antologia latino-americana é, também, uma compilação de processos políticos e atuações em chave revolucionária. Nesse sentido, vale a crítica de Lorena Cabnal (2020), de que não se busca criar categorias ou conceitos restritos à produção acadêmica, mas sim para melhor situar as estratégias e práticas políticas.

14

Considerações Finais

O caminho percorrido até o momento criou uma rede de colaborações, com variados processos e com a criação e consolidação de novos laços a partir dos nós dados em nossas primeiras experiências de tradução coletiva entre mulheres. Constantemente, entram em contato com o coletivo pessoas interessadas em temas como tradução feminista, tradução coletiva e independente, saídas que questionam a lógica capitalista de produção editorial, críticas feministas ao capitalismo ou ao controle dos corpos femininos. Cada um desses temas abre uma nova possibilidade de articulação, seja com o coletivo, seja com a emergência de novos grupos que passam a criar seus próprios caminhos — e redes.

Nós mesmas, de certo modo, nos recriamos ao longo desse percurso. Replicamos aqui a mesma estratégia: escrevemos este relato configurando um grupo específico de tradutoras que se envolveram em diferentes projetos. Desde a primeira tradução, nunca fomos só nós, há

sempre mais gente envolvida em nossos processos, extrapolando a proposta inicial de tradução coletiva e nos conduzindo à noção de *tradução comunizante*, criação de vínculos solidários e de afeto no processo de tradução que também é formação política, movimento e experiência compartilhada com o texto.

As diferentes configurações em cada projeto nos levam a repensar não apenas a metodologia e as formas de organização do Coletivo, mas igualmente os muitos modos de pensar e realizar tradução no nosso contexto: tradução feita na América Latina, no Brasil, a muitas mãos de mulheres feministas, comprometidas com a crítica ao sistema capitalista patriarcal. Os projetos partem da prática tradutória e derivam para o interesse na atuação política e na reflexão teórica sobre a tradução, nos conectando com a produção acadêmica e modificando nossa forma de atuar e incidir nesse campo.

REFERÊNCIAS

- Cabnal, Lorena. (2020). Defensa y recuperación del territorio de la sanación ancestral originaria. *Pikara Magazine*. <https://www.pikaramagazine.com/2020/02/defensa-y-recuperacion-del-territorio-de-la-sanacion-ancestral-originaria/>
- Federici, Silvia. (2004). *Caliban and the witch: Women, the body and primitive accumulation*. Autonomedia.
- Federici, Silvia. (2012). *Revolution at Point Zero: Housework, Reproduction, and Feminist Struggle*. PM Press.
- Federici, Silvia. (2018). *Re-enchanting the World: Feminism and the Politics of Commons*. PM Press.
- Federici, Silvia. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Coletivo Sycorax, Trad.). Editora Elefante.
- Federici, Silvia. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista* (Coletivo Sycorax, Trad.). Editora Elefante.
- Federici, Silvia. (2022). *Reencantando o mundo. Feminismo e a política dos comuns* (Coletivo Sycorax, Trad.). Editora Elefante.
- Federici, Silvia, & Fortunati, Leopoldina. (1984). *Il Grande Calibano: Storia del corpo sociale ribelle nella prima fase del capitale*. Franco Angeli.
- Fonseca, Luciana. C., Silva, Liliam. R., & Silva-Reis, Dennys. (2020). Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*, 13(2), 210–227. <https://revistas.udea.edu.co/index.php/mutatismutandis/article/view/343437/20803720>

-
- Godayol, Pilar. (2011). “I like Women”: Regarding feminine affinities in translation. In Luise von Flotow (Org.), *Translating women* (pp. 119–134). University of Ottawa Press.
- Haraway, Donna. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist studies*, 14(3), 575–599.
- Hayashida, Jennifer. (2020). Solidarity in Translation – Translation in Solidarity. In *Glossary of Common Knowledge*. Moderna Galerija. <https://glossary.mg-lj.si/referential-fields/commons-solidarity/translation-3>
- Hiršenfelder, Ida. (Org.). (2018). Glossary of Common Knowledge. Moderna Galerija. <https://glossary.mg-lj.si/about-gck>
- Maldonado-Torres, Neslon. (2008). A topologia do ser e a geopolítica do saber. Modernidade, império e colonialidade (Inês Martins Ferreira, Trad.). *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (80), 71–114. (Originalmente publicado em 2006, *The Topology of Being and the Geopolitics of Knowledge. Modernity, Empire, Coloniality*)
- Marx, Karl. (2017). *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital* (Rubens Enderle, Trad.). Boitempo Editorial. (Originalmente publicado em 1867, *Das Kapital. Kritik der politischen Oekonomie*)
- Mies, Maria. (2022). *Patriarcado e acumulação de capital em escala mundial. Mulheres na divisão internacional do trabalho*. Ema Livros/Timo.
- Mies, Maria. (1986). *Patriarchy and Accumulation on a World Scale. Women in the International Division of Labour*. Zed Books.
- Moraga, Cherríe, & Castillo, Ana. (Eds.) (1988). Esta puente mi espalda. *Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. ISM Press.
- Quijano, Aníbal. (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In Edgardo Lander (Org.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales* (pp. 122–151). Perspectivas latinoamericanas. CLACSO/UNESCO.
- Rosas, Cecília, Bittencourt, Juliana, Izidoro, Leila G., & Oliveira-Macedo, Shisleni. (2020). Conjurando traduções: a tradução coletiva de ‘Calibã e bruxa’ para o português brasileiro como estratégia feminista transnacional. *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*, 13(1), 117–138.
- Santos, Tatiana. (2014). *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimento* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128822/331961.pdf?sequence=1>
- Segato, Rita Laura. (2013) *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda*. Prometeo Libros.

Teles, Maria Amélia. A. (1993). *Breve história do feminismo no Brasil*. Ed. Brasiliense.

Walsh, Catherine. (2013). Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In Catherine Walsh (Org.), *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir* (pp. 23–68). Ediciones Abya-Yala.

¹ Os trabalhos de tradução do Coletivo Sycorax ficam disponíveis em: <http://coletivosycorax.org/traducoes/>.

² Ver: <http://coletivosycorax.org/2017/08/04/mulheres-luta-e-capital-silvia-federici/>.

³ O Coletivo foi coeditor das duas primeiras tiragens do livro.

⁴ Proposta elaborada por Aline Sodré.

⁵ Em São Paulo, foram realizados lançamentos na Galeria Olido (região central) e no Pombas Urbanas, centro cultural no extremo leste da cidade. No Rio de Janeiro, os lançamentos com debates ocorreram no Museu da Maré e na Cia. de Mistérios e Novidades.

⁶ A apresentação da comunicação para o VocUM Colloque foi produzida por Ana França, Ana Luísa Sertã, Cecília Rosas, Maria Teresa Mhereb, Luciana Carvalho Fonseca e Raquel Parrine.

⁷ Para saber mais, acessar: <https://glossary.mg-lj.si/about-gck>

⁸ No original: “Commoning translation renders translation an act of solidarity, not fidelity or loyalty. Commoning translation rejects the rarefied and fluency-based notion of translation in favor of collective, solidarity-based effort. Commoning translation has as its errand to mobilize against white privilege and power”.

⁹ O projeto foi concebido e executado por Ana França, Ana Luísa Sertã, Cecília Farias, Cecília Rosas, Elisa Rosas, Letícia Bergamini, Maria Teresa Mhereb, Mariana Lima e Odara Andrade. Letícia Bergamini fez a trilha sonora e Thereza Nardelli ficou responsável pela arte da capa.

¹⁰ Helena Silvestre é militante, ativista das lutas pela libertação de povos, corpos e territórios submetidos à lógica do sistema capitalista. Feminista afroindígena, é editora da revista Amazonas, e reúne o bonde de mulheres da Escola Feminista Abya Yala. É autora dos livros: “Do verbo que o amor não presta” e “Notas sobre a Fome” (que foi finalista do prêmio Jabuti em 2020).

¹¹ Maria Lygia Quartim de Moraes é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp, onde é pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu. É professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Públicas da Unifesp (Baixada Santista). Já publicou inúmeros livros, capítulos de livros e artigos sobre temas ligados ao marxismo, feminismo e direitos humanos, movimentos sociais e memória política. Entre seus livros publicados, está “Marxismo, psicanálise e o feminismo brasileiro”, obra publicada em dois tomos pela Editora da Unicamp em 2017.

¹² Verónica Gago é doutora em Ciências Sociais, jornalista e militante do coletivo NiUnaMenos. É professora da Universidade de Buenos Aires (UBA) e da Universidade de San Martín (Unsam) e pesquisadora do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). É autora de “Controversia: una lengua del exilio” (2012), “A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular” (2018) e coautora de “Una lectura feminista de la deuda” (2019).

¹³ Virgínia Fontes é historiadora e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde integra o NIEP-MARX - Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o marxismo. É autora de “Reflexões Impertinentes” (2005) e de “O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história” (2010).

¹⁴ O edital estava voltado a iniciativas que se encaixam nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ODS-ONU). Alinhado ao eixo temático “igualdade de gênero”, compreendido nos 17 ODS-ONU, o projeto “Tradução coletiva entre mulheres...” tem como coordenadora responsável a professora Luciana Carvalho Fonseca, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, que também integra projetos do Coletivo Sycorax.

¹⁵ O projeto foi redigido por Luciana Carvalho Fonseca e Maria Teresa Mhereb.

¹⁶ Página da Ema Livros na internet: <https://www.emalivros.com.br/>

¹⁷ Página da Editora Timo na internet: <https://editoratimo.com/>